

Sociedade Educacional Sul-Rio-Grandense
FACULDADE PORTO-ALEGRENSE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS – FAPA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Hendrix Alessandro Anzorena Silveira
Turma 1221

**A Cultura Religiosa
Dos
Iorubás
Do Surgimento à Diáspora**

Monografia apresentada a FAPA
como requisito parcial à aprovação
na disciplina de História Antiga II.

Orientadora: **Prof^a Marise Hoff Failace**

**Porto Alegre
2004**

INTRODUÇÃO

O ser humano desde tempos imemoriais, busca explicação para todas as coisas que desconhece. Coisas simples como a chuva, o arco-íris, o Planeta Terra, e outras um pouco mais complicadas como a vida, o fogo, o astral, etc.

O homem, quando não podia explicar as coisas que o rodeavam, atribuíam tais coisas a um poder divino. Quando, por exemplo, caía um relâmpago numa árvore e esta era consumida pelo fogo, com certeza alguém perguntava: “De onde vem os raios?” Para uma mentalidade primitiva, não há uma resposta racional, com embasamento científico. Mas se não há resposta e a coisa é real, então só pode ter sido mandado por alguém muito poderoso. Alguém sobrenatural. Então eles respondiam: “Vem de Deus!”

Baseados neste raciocínio deduzimos terem surgido as primeiras religiões na face da Terra. E mesmo hoje, a religião é utilizada para explicar o que não foi ainda explicado. Apesar de sabermos que o relâmpago é uma descarga elétrica, o motivo pelo qual essa descarga é acionada pode provir de um desejo divino premeditado. Este é um exemplo clássico de como a religião se contorce para continuar viva.

Ingressei no curso de História da FAPA, com a intenção de me especializar em religião, especialmente a religião africana. O que me levou a esta decisão foi a minha própria bagagem de conhecimentos sobre o tema, pois sou adepto do “Batuque” – a religião africana como é conhecida no Rio Grande do Sul.

Ao saber que teria de fazer uma monografia referente à história antiga, não foi preciso nem pensar numa escolha. Era óbvio que seria sobre a “Cultura Religiosa dos Iorubás”.

Isso porque não existe uma bibliografia que exponha a história da África, incluindo o aspecto religioso que é de vital importância para esse povo, pois permeia tanto sua vida social quanto a vida política e econômica.

Então devo salientar que este trabalho tem como finalidade um avanço de ordem pessoal, e que serve de primeiros passos para uma maior compreensão do fenômeno que é a cultura religiosa da África ocidental.

Logo pensei em fazer um trabalho diferenciado, incluindo outros aspectos tais como a relação política/economia/sociedade/religião. Por isso o título Cultura Religiosa, pois o termo “cultura” pode ser definido como “conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de

sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc.”¹

Entretanto, uma monografia é um trabalho que exige uma especificidade para esgotamento de dados sobre um tema. Escrever sobre a Cultura Religiosa Africana seria de uma grande pretensão e até de um grande erro, já que não podemos definir um aspecto estudado como sendo a matriz de um processo que levou gerações para ser desenvolvido em um continente que, sozinho, possui mais povos, línguas e, certamente, culturas diferentes que todos os outros juntos.

Então dissertarei sobre a cultura religiosa da África Ocidental. O berço dos africanos que vieram para o Brasil à época da escravatura e origem da religião praticada nas terras gaúchas.

Darei ênfase total à cultura dos **iorubás**, povo de cultura muito rica e organizada, cujos domínios se estendem do sudoeste da Nigéria até o leste do Benin.

Sempre que estudamos a Mesopotâmia ou a Ásia, ou ainda a Europa, nos deparamos com grandes povos que habitavam aquelas regiões. Sejam assírios, hebreus, hititas, caldeus ou persas; chineses, mongóis, japoneses ou siameses; romanos, gregos, cretenses ou indo-europeus; sempre os estudamos de forma individual.

Mas no tocante a África, esse vasto **continente** é tratado como se fosse um país em que todos são iguais: falam a mesma língua, têm os mesmos costumes, têm as mesmas crenças.

Isto não é verdade.

Existem muitas culturas africanas grandiosas e este trabalho se voltará para a iorubá.

No semestre passado, na aula de antropologia (prof^a Aline), debatíamos sobre o livro “O Povo Brasileiro”, de Darcy Ribeiro. A colega Thaís Staninski formula uma pergunta: “como estariam os índios brasileiros, se o Brasil não tivesse sido achado?”

Imediatamente me veio a pergunta: como estaria o povo africano se não tivesse sido invadido pelos europeus?

Considerando que os africanos não tinham uma visão expansionista de mercado, nem estavam interessados na conversão religiosa de estrangeiros, tampouco na arrecadação tributária de povos conquistados – ao menos não na escala demandada pelos europeus – presumimos, então, que esses fatores somados a noção de tempo cíclico, manteriam os africanos estagnados, ou seja, o seu presente não seria diferente do seu passado pré-histórico.

¹ Dicionário Aurélio Eletrônico – séc. XXI – versão 3.0 – novembro de 1999

Utilizarei como principal procedimento na elaboração deste trabalho, a pesquisa no acervo bibliográfico, tanto particular quanto na biblioteca da FAPA. Devido à problemática pessoal (falta de tempo, principalmente), não pesquisarei em outros acervos.

CAPÍTULO 1 - AS DIVINDADES: Mitologia, Espiritualidade, Liturgia

1.1. ORIGEM DA RELIGIÃO IORUBÁ

Não se sabe exatamente se o homem pré-histórico africano desenvolvia algum tipo de religião. A maioria dos antigos povos africanos com certa civilidade tinha a dança, a música e a oralidade (pronunciamento de certas palavras), além de pinturas como formas de contato entre os homens e os deuses. Mas não podemos utilizar estas informações para definir o caráter religioso de desenhos e formas pintadas nas paredes de cavernas de povos pré-históricos. Entretanto pode-se pesquisar sobre os sepultamentos desses povos.

O homem de Neandertal (*homo sapiens neanderthalensis*²) cuidava muito bem de seus mortos, sepultando-os junto com utensílios e alimentos, o que sugere uma crença numa vida em outro mundo. Além disso, também deixa com clareza que estes povos tinham o conhecimento da inevitabilidade da morte, bem como a noção de tempo de vida.

Os africanos que viviam na mesma época também percebiam que tudo tinha uma ordem que se aplicava tanto aos animais como a eles mesmos. Tudo nascia, crescia e vivia durante algum tempo e morria. Ver que tudo e todos sucumbem à morte, poderia ter ocasionado uma série de reflexões sobre a vida deles mesmos.

Saber que as coisas tinham uma ordem, sugeria que esta ordem era de responsabilidade de alguém. Alguém invisível, mas que agia na natureza. Alguém com poderes sobrenaturais e, por consequência, um ser sobrenatural. Mesmo que este ser tenha características humanas.

Todos estes fatos levam a crer que o homem da época acreditava na existência de um ou mais seres sobrenaturais que causavam todos estes acontecimentos. Isto o levou a procurar ter influência sobre estes deuses para que eles pudessem ter as suas atividades diárias concluídas com êxito.

Na época Neolítica, a colheita foi aos poucos sendo substituída pela agricultura, assim como a caça pela criação de animais.

Parece óbvio que à medida que a agricultura e a criação de animais se tornam estabelecidas pela humanidade, as plantas das quais o homem e animais dependem para viver,

² O Homem de Neandertal (400 mil à ± 50 mil a.p.) foi contemporâneo do *homo sapiens* arcaico (500 mil anos a.p) e do homem moderno (*homo sapiens sapiens* – 100 mil a.p.), embora só tenha surgido na Europa.

tornam-se importantíssimas. O ciclo agrícola torna-se fator dominante para as comunidades da época e alvo das manifestações religiosas. Ainda hoje são encontrados em várias partes do mundo festivais e ritos para assegurarem bons resultados na colheita.

Isto ocasionou uma maior dependência dos homens com os seres divinos, pois o processo agrícola é lento e independente do homem, deixando-o na passividade. Já a caça dependia muito da astúcia e da coragem do caçador, assim como de sua força e agilidade.

1.2. OS IRUNMALÉS

Para os iorubás a existência transcorre simultaneamente em dois planos: no *aiê*³ e no *orum*.

O *aiê* é o mundo material, palpável, onde vivem os *ara-aiê*, os seres naturais. *Orum* é o mundo imaterial, transcendente, onde vivem os *ara-orum*, os seres sobrenaturais.

Quanto ao *orum*, Juana dos Santos é insistente:

(...)o espaço *òrun* compreende simultaneamente todo o do *àyé*, terra e céu inclusos, e conseqüentemente todas as entidades sobrenaturais, quer elas sejam associadas ao ar, à terra ou às águas, e que todas são invocadas e surgem da terra. É assim que os *àra-òrun* são também chamados *irúnmalè* (...) (SANTOS, 1986:72)

É no *orum* que se encontra *Olodumaré* (ou *Olorum*, *Obá-orum*, etc.), o deus supremo dos iorubás e detentor dos poderes que possibilitam e regulam toda a existência, tanto no *orum* como no *aiê*. Esses poderes foram transmitidos para os *irunmalés*, de acordo com suas funções.

Os *irunmalés* são divididos em dois grupos: os quatrocentos *irunmalés* da direita e os duzentos *irunmalés* da esquerda.

Os números assinalados não significam, para os iorubás, números regulares, limitados, mas sim, que o número duzentos represente, simbolicamente, um número grande e o quatrocentos um número muito grande⁴.

O sentido utilizado para “direita” e “esquerda” é muito profundo e exige um estudo pormenorizado que não caberia neste trabalho. A obra de Juana dos Santos⁵ é excepcional e indispensável para essa compreensão.

³ No decorrer de todo o trabalho utilizarei as palavras da língua Iorubá transformadas foneticamente para a língua portuguesa, a fim de tornar mais inteligível a pronúncia por parte do leitor.

⁴ Segundo VERGER, 1997:21

1.2.1. Os quatrocentos *irunmalés* da direita: os *orixás funfun*

Os quatrocentos *irunmalés* da direita são os *orixás*, não os orixás como são conhecidos no Brasil, mas sim um grupo mais restrito. Seriam os *orixás funfun*, ou orixás do branco, mais conhecidos no Brasil como *Oxalás*. Na África são chamados *Orixanlá* (grande orixá), *Obatalá* (rei do pano branco), ou ainda *Obarixá* (rei dos orixás). São divindades relacionadas à criação do mundo e dos homens. Um mito iorubá conta como se realizou essa façanha.

Olorum-Olodumaré encarregou Obatalá, o senhor do pano branco, de criar o mundo. Para isso lhe entregou o “saco da criação”. Obatalá foi consultar *Orunmilá*, que lhe recomendou fazer oferendas para ter sucesso na missão. Mas obatalá não levou a sério as prescrições de Orunmilá, pois acreditava somente em seus próprios poderes.

Oduduá, o irmão mais novo, observava tudo atentamente e naquele dia também consultou Orunmilá. Orunmilá assegurou a Oduduá que, se ele oferecesse os sacrifícios prescritos, seria o chefe do mundo que estava para ser criado. Oduduá fez as oferendas.

Chegado o dia da criação do mundo, Obatalá se pôs a caminho até a fronteira do além onde Exu é o guardião e não fez as oferendas nesse lugar, como estava prescrito. Exu ficou muito magoado com a insolência e usou seus poderes para se vingar de Oxalá provocando-lhe uma grande sede.

Obatalá aproximou-se de uma palmeira e tocou seu tronco com seu bastão fazendo jorrar vinho em abundância, que bebeu até embriagar-se, adormecendo na estrada, à sombra da palmeira de dendê. Quando se certificou do sono de Oxalá, Oduduá apanhou o saco da criação e foi a Olodumaré lhe contar o ocorrido. Olodumaré viu o saco da criação em poder de Oduduá e confiou a ele a criação do mundo.

“Com quatrocentas mil correntes Oduduá fez uma só e por ela desceu até a superfície de *ocum*, o mar. Sobre as águas sem fim, abriu o saco da criação e deixou cair um montículo de terra. Soltou a galinha de cinco dedos e ela voou sobre o montículo, pondo-se a ciscá-lo. A galinha espalhou a terra na superfície da água. Oduduá exclamou na sua língua: ‘*Ilê nfé!*’, que é o mesmo que dizer ‘a terra se expande!’, frase que depois deu nome à cidade de *Ifé*, cidade que está exatamente no lugar onde Oduduá fez o mundo. Em seguida Oduduá apanhou o camaleão e fez com que ele caminhasse naquela superfície, demonstrando assim a firmeza do lugar. Obatalá continuava adormecido. Oduduá partiu para a Terra para ser seu dono”.⁶

Obatalá despertou e, tomando conhecimento do ocorrido, voltou até Olodumaré contando sua história. Olodumaré, para castigá-lo, proibiu-o de beber vinho-de-palma, ele e todos os seus descendentes. Mas Olodumaré deu outra missão a Obatalá: a criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra. E assim Obatalá criou todos os seres vivos. Ele modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olodumaré os animou. O mundo agora se completara e todos louvaram Obatalá

No próximo capítulo veremos que Oduduá é o ancestral dos reis iorubás.

⁵ *Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia* : Petrópolis, Vozes, 1986

⁶ PRANDI, 2001:503

Segundo Verger (1997:254) “os *orixás funfun* seriam em número de cento e cinquenta e quatro”. Estes orixás são cultuados, cada um, em uma cidade diferente, onde ele pode ser o padroeiro dessa cidade, ou um orixá secundário. Entretanto, mesmo não sendo o padroeiro da cidade ou comunidade, ele tem grande importância graças a sua relação com a criação, mantendo, assim, uma posição de destaque, possuindo um ritual próprio e sacerdotes próprios também⁷.

Desenvolveram-se rituais muito semelhantes para estes orixás nas diferentes cidades em que se apresenta, o que nos leva a crer que, na verdade, estes orixás são os desdobramentos de um único orixá (*Orixanlá*) cultuados em diferentes locais, e não divindades diferentes.

Como divindades do branco, tudo o que for branco lhes pertence. Só se vestem com essa cor e seus pertences são marcados com pintas brancas. Os albinos, por terem a pele branca, são também consagrados a este orixá.

Com raríssimas exceções, estes orixás se apresentam como sendo muito velhos, lentos e sábios. Como todas as culturas antigas, existe também na África um grande respeito pelos mais idosos, graças a relação com a ancestralidade, cosmovisão que se evidencia na representação da maior divindade do panteão iorubá.

São representantes do poder fecundador masculino, sendo considerados os pais da humanidade. Também são considerados como pais dos duzentos *irunmalés* da esquerda. Então concluímos que os *orixás funfun* são os grandes senhores deste mundo (*aiê*) e do outro também (*orum*).

Suas oferendas são constituídas por alimentos brancos ou claros. Os animais oferecidos em sacrifício são também de pelagem ou penugem branca. É muito utilizado como oferenda o *igbin*, um caracol grande muito comum na região.

Verger nos conta que, em *Ifé*, a Meca dos iorubás, são sacrificadas duas cabras para *Orixanlá* e *Iemouô*, sua única esposa – o que ressalta aqui é que os africanos são poligâmicos. A primeira cabra, após os procedimentos litúrgicos, é cozida e distribuída a todos os participantes, já a segunda sofre um tratamento diferente.

“Antigamente era um ser humano que devia ser sacrificado”⁸, por isso evita-se tocar no animal que, após a imolação, é arrastado com uma forquilha e jogado no mato. Comer a carne desta cabra seria atrair para si uma maldição, e também seria antropofagia.

⁷ Em todas as cidades iorubás, independentemente do *irunmalé* padroeiro, existem templos para os orixás *funfun* e para Exu, Com ritos e sacerdotes distintos.

⁸ VERGER, 1997:256

A cidade de *Ejigbô*, também tem um ritual específico para *Orixanlá*, aqui chamado de *Orixá Oguiã* – *Oxanguiã* no Brasil. Este orixá é muito específico, pois, ao contrário dos outros orixás, que são velhos e serenos, este é jovem e guerreiro.

Seu nome deriva de *òrìsàjìyán*, “orixá-comedor-de-inhame-pilado”, segundo a lenda este orixá tem um apetite descontrolado por esta iguaria chamada *ian* em iorubá. Foi ele quem inventou o pilão para facilitar o seu preparo. Ele também é o fundador da cidade de *Ejigbô* e ancestral dos reis locais que ostentam o título de *Elejigbô*, o “Senhor de *Ejigbô*”.

Este *orixá funfun* é considerado o **deus da cultura material**, pois teria ensinado Ogum a lutar e a fazer as ferramentas de ferro, da mesma forma que o ensinou o cultivo da terra.

Orunmilá é outro dos *orixás funfun* que tem particularidades bem diferenciadas dos demais. Possui as mais altas posições no panteão iorubá.

Orunmilá é o deus da adivinhação. Ele conhece todos os destinos dos homens. Um *itan* (mito) conta como ele adquiriu esse conhecimento.

Obatalá reuniu as matérias necessárias à criação do homem e mandou convocar seus irmãos orixás. Apenas *Orunmilá* apareceu, por isso Obatalá o recompensou. Permitiu que apenas ele conhecesse os segredos da construção do homem. Revelou a *Orunmilá* todos os mistérios e os materiais usados na sua confecção.

Orunmilá tornou-se assim o pai do segredo, da magia e do conhecimento do futuro.

Ele conhece as vontades de Obatalá e de todos os orixás envolvidos na vida dos humanos. Somente *Orunmilá* sabe de que modo foi feito cada homem, que venturas e que infortúnios foram usados na construção de seu destino. (PRANDI, 2001:447)

O sacerdote de *Orunmilá* é denominado *babalauô*, o pai para tudo. Ele utiliza o oráculo de *Ifá* (*Orunmilá*) para conhecer o destino dos homens e mulheres que o procuram. Os iorubás não fazem viagens longas sem consultar antes o *babalauô*. Também o consultam para saber o sexo dos filhos antes de nascer, e qual o seu destino. Dependendo da resposta dada pelo oráculo, ele terá sua vida conduzida para se tornar um mercador, lavrador ou sacerdote, antes mesmo de seu nascimento.

Orunmilá é o “símbolo coletivo dos *irunmalés*”⁹, por isso não se manifesta em seus iniciados. Ele apenas comunica-se com eles através do oráculo, o jogo dos búzios.

1.2.2. Os duzentos *irunmalés* da esquerda: os *eborás*

⁹ SANTOS, 1986: 167.

Os duzentos *irunmalés* da esquerda são todas as outras divindades cultuadas pelos iorubás – *Ogum, Oiá, Xangô, Oxumaré,...* e *Egum* (ancestrais) – e são chamados de *eborás*.

Os *eborás* são divindades menores, intermediárias entre Olorum e os seres humanos. Alguns *eborás* são objetos de culto de toda uma cidade. Quando essa cidade tem um soberano, os *eborás* servem para reforçar a autoridade do líder, que pode ser um rei (*Obá*), um rico mercador (*Balé*) ou um chefe de aldeia.

Entretanto, a grande maioria dos *eborás* está intimamente ligado à noção de família.

A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá (*eborá*) seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O poder, *à se*, do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada. (VERGER, 1997:18)

Estes seres excepcionais não poderiam simplesmente morrer, mas sim, transcender a morte de forma que não sobrasse nem mesmo um corpo para ser enterrado. Esta é a grande diferença entre os *eborás* divindades e os *eborás* ancestrais.

Grosso modo, pode-se dividir o estudo dos *eborás* em pequenos grupos para melhor entendimento. Essa divisão se dá pelas similaridades de arquétipo e funções sociais dessas divindades.

1.2.2.1. Divindades da cultura material

Pode-se agrupar nessa categoria os *eborás* cujos cultos são indispensáveis para o bom andamento da vida cotidiana das pessoas. A agricultura foi a base da economia iorubá até meados do século XIX, quando descobriu-se petróleo na região. Desta feita divindades ligadas à agricultura tem grande destaque religioso.

Grande artífice da natureza, *Ogum* é o *eborá* que personifica o homem pré-histórico. Ele é um dos pouquíssimos *eborás* cultuados por quase todo o território iorubá.

Ogum é desbravador, conquistador, guerreiro feroz e destemido. Foi o deus *Orixá Oguian* quem lhe ensinou a lutar e a trabalhar com o ferro e com a agricultura. Mas foi *Ogum* quem entregou os segredos dessa cultura aos homens. Por isso ele é chamado de *Ogum Alagbedé*, o ferreiro. Ele confeccionava as ferramentas para poder cultivar a terra de forma

que também ficou conhecido como o deus da agricultura, daí a importância desse *eborá* para todos os povos de língua iorubá.

Segundo a mitologia iorubá, é o filho primogênito de *Oduduá*, fundador dos iorubás.

É considerado o mais ativo entre todos os *eborás*. Aliado poderoso, guerreiro feroz, *Ogum* é líder, centralizador de poder e hábil estrategista.

A caça também é motivo para cultos específicos, pois esses povos viviam em florestas e caçar era um fator importante na economia de subsistência, assim como a pesca e a criação de animais (caprinos e ovinos).

Odé é o deus dos caçadores iorubás. Pede-se sua proteção quando o caçador se embrenha na floresta em busca do alimento.

O povo iorubá é constituído por várias etnias que falam a mesma língua e possuem uma cultura semelhante, assim existem vários deuses da caça que estão diretamente relacionados às famílias que os cultuam ou às cidades.

Então temos: *Oxossi* em Queto, onde esse deus foi rei, recebendo o título de *Alaketu*; *Ijá* em *Oió*; *Oré* ou *Oreluerê* em *Ifé*; *Otin* em *Inixá*; *Erinlé* e *Ibualama* em *Ilobu* na região de *Ijexá*; *Logunedé* é o filho de *Erinlé* e *Oxum Ipondá*, seu culto tem lugar na cidade de *Ilexá*, também na região de *Ijexá*.

1.2.2.2. Divindades da saúde

Claro que toda civilização antiga possuía um ou mais deuses responsáveis, exclusivamente, pela saúde de seu povo. Entre os iorubás não foi diferente e percebemos dois *eborás* bem distintos, que não têm nada em comum a não ser o fato de serem cultuados esperando-se a saúde física e, subseqüentemente, a manutenção da vida.

Ossânim é a divindade das plantas medicinais e litúrgicas. Segundo Verger (1997:122) “o nome das plantas, sua utilização e as palavras (*ofô*), cuja força desperta seus poderes, são os elementos mais secretos do ritual no culto aos deuses iorubás”.

Ele vive na floresta em companhia de *Aroni*, um anãozinho com uma perna só, que fuma constantemente um cachimbo feito de caracol.

Ossânim tem um sacerdote próprio denominado *olossânim*, senhor de *Ossânim*. É também chamado de *Onixegum*, curandeiro.

Em *Ifé*, é *Elisijé* que ocupa o lugar de curandeiro.

Um fator importante é que os *olossânim* não entram em transe de possessão, eles adquirem a ciência do uso das plantas após uma longa aprendizagem.

O *eborá Xapanã* conhece os segredos da vida e da morte, por isso ele é chamado de *Omolu*, filho do senhor, ou *Obaluaiê*, rei dono da terra. É a divindade das pestes, da varíola, das doenças de pele. Tem o poder de afastar as doenças, mas também pode trazê-las.

Cobre-se com um manto de palha da cabeça aos pés, pois sua pele é coberta de chagas e feridas. Carrega consigo um cetro, semelhante a uma vassoura que se chama *xaxará*, feito de palitos de dendezeiro bordado com palha-da-costa e muitos búzios.

O vínculo de seu nome com as doenças faz deste Orixá o protetor da saúde daqueles que o cultuam e faz com que seja constantemente procurado para resolver problemas ligados a esta área.

A origem desse *eborá* está ligado ao oeste, mais precisamente o Daomé, onde esse deus é cultuado sob o nome de *Sakpatá*. Assim como os iorubás, os daomeanos evitavam chamá-lo assim, preferindo invocá-lo como *Aion*, que, como *Xapanã* entre os iorubás, significa Senhor da Terra.

1.2.2.3. Divindades dos rios

É interessante notarmos como os povos antigos sempre cultuaram, como divindades ligadas à fecundidade, deusas de rios. Enquanto que o touro era cultuado como símbolo fecundador, por isso o seu sacrifício sobre a terra a ser semeada, o peixe é o símbolo da procriação, da multiplicidade e da filiação.

A mulher, como ser que é fecundada e cujo fruto dessa fecundação é uma nova vida, está sempre ligada à fertilidade e a geração de vidas. Ora, isso não passou despercebido pelos africanos, daí os iorubás possuírem várias deusas de rios ligadas à fertilidade tanto dos animais quanto dos seres humanos.

Entre elas temos *Oiá*, a senhora da tarde, dona dos espíritos, carregadeira de *ebó* (alimento), senhora dos raios e tempestades. Ela é a deusa do rio Níger e tem o apelido de *Iansã* (*iyá* = mãe / *mesan* = nove) em alusão aos nove braços do delta desse rio. Diz-se que ela teve nove filhos, outra explicação para o apelido.

Oiá foi uma princesa real na cidade de *Irá*, na Nigéria. Sobrinha-neta do rei *Elempe*, e neta de *Torôssi* (mãe de *Xangô*), conquistou com valentia, coragem e dedicação seu caminho para o trono de *Oió*.

Conhecedora de todos os meandros da magia encantada, *Oiá* nunca se deixou abater por guerras, problemas ou disputas. Nobre guerreira, jamais tripudiou sobre inimigos e rivais vencidos.

Foi mulher de seu primo *Xangô*, e ajudou-o a conquistar os reinos que foram anexados ao império iorubá. Porém, quando ele tentou invadir *Nupe* e *Tapa*, onde *Oiá* havia nascido, ela o abandonou e postou-se na entrada daquelas cidades disposta a enfrentá-lo. Como nem mesmo *Xangô* ousou desafiá-la, ninguém passou.

Oiá é a menina dos olhos de *Orixanlá*, seu protetor, e é a única divindade que entra no *Balé* de *Egum* (casa dos mortos), por seu poder e onisciência.

Outra deusa de rios, ***Obá*** é a senhora das ilhas e penínsulas e foi a terceira mulher de *Xangô*, e sua lenda fala de uma terrível rivalidade entre ela e *Oxum*, a segunda esposa.

Sabendo do apetite de seu marido, procurava sempre surpreendê-lo com pratos de que gostasse. Um dia, *Oxum* resolveu pregar uma peça em *Obá*, e apareceu usando um lenço enrolado em volta da cabeça, escondendo as orelhas. Disse que havia preparado suas orelhas numa receita muito especial, e servido a *Xangô*. Querendo agradecer seu esposo, *Obá* resolveu imitar a rival. Cortou uma de suas orelhas e preparou a receita a *Xangô*. Ele ficou furioso, e *Obá*, percebendo que havia sido enganada, entrou numa violenta luta corporal com *Oxum*.

Mais irritado ainda, *Xangô* fez explodir todo o seu furor. As duas mulheres, apavoradas, fugiram e se transformaram nos rios que levam seus nomes. No ponto onde os dois rios se encontram, existem corredeiras e as ondas se agitam, numa lembrança da antiga disputa entre as divindades.

Obá é a mais velha dos *eborás* femininos. Ele teria sido a primeira esposa de *Ogum*, que, posteriormente, o teria abandonado por *Xangô*.

Deusa do rio de mesmo nome, ***Oxum*** carrega consigo predicados de beleza, riqueza e a capacidade de proteção social. É uma ninfa da cultura iorubá, cuja cidade, *Oxogbô*, na Nigéria, está localizada às margens desse rio. Ela é a dona do ovo, a maior célula viva.

Diz a lenda que ela era a segunda mulher de *Xangô*, tendo vivido antes com *Ogum*, *Orunmilá* e *Odé*. Seu pai teria sido *Orixanlá*. Mulheres que desejam ter filhos costumam fazer seus pedidos a *Oxum*.

Conta-se que quando os *irunmalés* chegaram a terra, costumaram reunir-se sem a presença das mulheres. Aborrecida por não poder participar das deliberações, *Oxum* preparou sua vingança, trazendo a esterilidade às mulheres, e impedindo que os objetivos dos deuses fossem alcançados. Os *irunmalés* buscaram então a ajuda de *Olodumare*, que lhes explicou que sem a presença de *Oxum* nada poderia dar certo. Dengosa, ela demorou a aceitar o convite para que participasse das reuniões, mas finalmente concordou, e a fecundidade voltou.

Filha de *Olocum*, a senhora dos oceanos, ***Iemanjá*** é a deusa do rio *Ogun* (não o *eborá*).

Diz a lenda, foi casada com *Oduduá*, homem poderoso com quem teve dez filhos. Um dia, cansada de sua permanência em Ifé, foge na direção oeste, levando consigo uma garrafa que havia ganho certa vez de sua mãe, contendo um misterioso preparado, a qual ela deveria quebrar jogando ao chão quando estivesse em perigo.

Iemanjá instalou-se em Abeocutá. O marido lança seu exército em sua busca com o objetivo de trazê-la de volta a Ifé. Quando se vê cercada, ela não se entrega, mas segue os conselhos de *Olocum* e quebra a garrafa. Imediatamente forma-se um rio, que a leva para *ocum*, o mar, morada de *Olocum*.

A lenda acima é, com certeza, a representação mitológica de um fato histórico.

A nação *egbá* vivia na região de Ifé, próximo ao rio Iemanjá, e foram expulsos de lá por *Oduduá*. Eles, então, migraram de Ifé a Abeocutá, levando os assentamentos da deusa, se estabelecendo às margens do rio *Ogun*, no bairro de Ibará.

Deusa dos pântanos, ***Nanã Burucu*** representa a memória ancestral da humanidade pré-histórica. A mais antiga das divindades vindas do oeste.

Verger (1997: 236) dá uma série de pistas sobre a provável origem dessa deusa que chegou a ocupar a posição de ser supremo entre os achanti, no atual Gana. Esta posição, ostentada e perdida mais tarde para *Orixanlá*, é, provavelmente, um resquício cultural da época em que os africanos respeitavam a linhagem matriarcal de família. Daí ela representar a memória transcendental do ser humano e o acervo das reações pré-históricas de nossos antepassados.

Na liturgia dos sacrifícios a essa divindade, não se pode utilizar objetos feitos de metal (facas, por exemplo), pois isso é uma restrição. Mais um pressuposto para a crença de que essa divindade é anterior a idade dos metais desenvolvida nessa região.

Como todas as divindades femininas, *Nanã Burucu* está ligada à água. As águas paradas e pântanos lhe pertencem, numa referência às águas primordiais de onde *Obatalá* criou os seres humanos.

1.2.2.4. Divindades originárias do oeste

Devido às diversas guerras eclodidas entre os iorubás e os *jejes*¹⁰, do Daomé (hoje Benin, Togo e parte do Gana), houve aculturações e sincretismos religiosos entre essas etnias africanas.

Os daomeanos importaram os deuses iorubás modificando apenas seus nomes (tal qual os romanos sobre os gregos), mas a cultura iorubá também adotou alguns deuses daomeanos por não possuírem semelhante em sua cultura. Também mudaram os nomes desses deuses, conservando suas características.

Já conhecemos dois deles, *Xapanã* e *Nanã Burucu*, que, por terem características mais semelhantes a outros deuses, os classifiquei de forma diferente.

Entre os deuses do Daomé, temos a grande serpente do arco-íris, símbolo da aliança entre os homens e a eterna paz dos deuses, *Oxumaré* é, segundo Verger (1997: 206), o orixá da riqueza. Mitologicamente seria um hermafrodita, macho e fêmea em um só corpo, um servidor de *Xangô*, que teria a função de recolher a água caída sobre a Terra e levá-la de volta às nuvens.

Originário do Daomé é o deus conhecido pelos *fons* como *Dan* ou *Bessen*. Simboliza o movimento, a atividade, a continuidade e a permanência. Às vezes é representado por uma serpente enroscada que morde a própria cauda. Outras, como uma serpente que envolve toda a Terra, como se, com sua força, impedisse a desagregação do planeta.

Assim como *Iemanjá* e *Oxum*, *Euá* também é uma divindade feminina das águas e, às vezes, associada à fecundidade. É reverenciada como a dona do mundo e dona dos horizontes. É a deusa do rio Eua. Apesar disso não a incluí na categoria anterior porque sua ligação com os rios é secundária e quase despercebida.

Em algumas lendas aparece como a esposa de *Oxumaré*, como sua metade mulher, pertencendo a ela a faixa branca do arco-íris. Em outras ele é esposa de *Xapanã*.

Eborá que protege as virgens e tudo o que é inexplorável, *Euá* tem o poder da vidência. Senhora do céu estrelado rainha do cosmos, ela está no lugar onde o homem não alcança. É representada pelo raio do sol, pela neve, pela saliva.

Seu símbolo é o arco e flecha dourado, assim como o arpão, uma espingarda ou uma serpente de metal. Uma deusa de muitos mistérios, pouco se sabe a seu respeito.

¹⁰ O termo jeje (pronuncia-se gêge) é originário da língua iorubá, e quer dizer estrangeiro. Os iorubás consideravam como jejes os fons, euês, achantis, adelês, gens, huedas, mahis, etc.

De tudo o que estudamos até aqui, nota-se um relacionamento vigoroso entre os iorubá e os elementos que constituem o mundo natural.

Como vimos anteriormente, o transcendente e o imanente estão ligados. O símbolo dessa ligação é a árvore, pois suas raízes bem fincadas na terra, adentram o mundo dos mortos, enquanto que sua copa vagueia pelo espaço inatingível.

É evidente, então, que existam seres imateriais que habitam essas árvores, ou mesmo que sejam elas.

Iroco é partícipe do culto ancestral feito às árvores sagradas (*Iroko, Apaoka, Akoko*, etc). É o *eborá* da floresta, das árvores, do espaço aberto; por extensão governa o tempo em seus múltiplos aspectos. É cultuado pelos mahis com o nome de *Locô*.

É referido como "*eborá* do grande pano branco que envolve o mundo", numa alusão clara às nuvens do Céu.

As árvores nas quais *Iroco* é cultuado normalmente são de grande porte; são enfeitadas com grandes laços de pano branco e ao pé dessas árvores são colocadas suas oferendas. Jamais uma dessas árvores pode ser derrubada sem trazer sérias conseqüências para a comunidade.

No culto aos *vodum*, *Locô* ocupa lugar destacado, comparado somente a *Lissá* (*vodum* equivalente a *Orixanlá*) e *Dan* (*Oxumaré*).

Iroco é invocado em questões difíceis, tais como desaparecimento de pessoas ou problemas de saúde, inclusive a mental.

1.2.2.5. Outras divindades

Alguns *eborás*, por serem ligados a uma cidade ou ao coletivo, recebem tratamento especial, tendo sacerdotes e rituais específicos. Desses explicitarei apenas aqueles cuja cultura se transpôs ao Brasil na época da escravatura.

Entre esses *eborás* temos *Exu*, que pertence tanto aos *irunmalés* da direita quanto aos da esquerda, pois serve de veiculação da força imaterial divina, o *axé*, entre os *orixás* e os *eborás*, "intercomunicando todo o sistema". (SANTOS, 1986:75)

Por isso ele é sempre o primeiro a ser cultuado nos rituais. Os sacrifícios e oferendas devem ser sempre feitas primeiro a ele. A não observância desse dogma pode gerar diversos distúrbios provocados pelo próprio.

Exu é um dos únicos (se não o único) *eborá* que aparece nos rituais de todos os povos da África antiga e mesmo em outras culturas que nada tem a ver com as culturas africanas. Também é chamado de *Elegbará*, o senhor da vida.

É a divindade da procriação, portanto da vida, e rege a fertilidade e a libido. É *Exu* quem permite que se possa extrair todo o prazer do amor. É, para as religiões africanas, o executor da ordem divina: “crescei e multiplicai-vos”. É o mensageiro dos *irunmalés*, é ele quem leva as súplicas dos seres humanos ao *orum* e traz as ordens e bênçãos dos deuses. Tal qual o deus *Hermes* da mitologia grega, ou *Mercúrio* da Romana.

Exu é a liberdade, a procriação, o orixá do culto à beleza. Autêntico, verdadeiro, objetivo e flexível, através dos tempos e das culturas este orixá se manifesta de diferentes formas, em muitas lendas.

Uma delas conta que uma mulher se encontra no mercado vendendo seus produtos. *Exu* põe fogo na sua casa, ela corre para lá, abandonando seu negócio. A mulher chega tarde, a casa está queimada e, durante esse tempo, um ladrão levou as suas mercadorias. Isso não teria acontecido se ela tivesse feito a *Exu* as oferendas e sacrifícios usuais.

Legba é *Exu* entre os *fons*, assim como *Bombogiro* entre os *bantus* de Angola.

Segundo as lendas antigas, *Oduduá*, após dominar Ifé, mandou seus filhos conquistarem as regiões vizinhas a fim de formar vários reinos ligados ao seu próprio. Assim *Ogum* fez, e lutou em vários lugares trazendo o espólio das batalhas como presente para seu pai.

Numa dessas ocasiões, trouxe uma donzela tão linda que ele mesmo não resistiu e a possuiu. Com medo, não falou nada a seu pai, *Oduduá*. Este, quando viu a beleza da moça, ficou perturbado e a possuiu naquela noite. O fruto desse triângulo amoroso é *Oraniam*, que possuía uma característica muito pitoresca. Ele era metade branco e metade preto. Ora, *Ogum* era um homem negro, enquanto que *Oduduá* tinha a pele branca (provavelmente albino).

Oraniam se tornou um grande guerreiro e conquistou Oió, tornando-se o primeiro *Alafin-Oió*, o rei de Oió. Teve dois filhos: *Dadá Ajacá* e *Xangô*, de quem estudaremos agora.

Orixá da justiça e do fogo, *Xangô* é o terceiro *Alafin-Oió*, e viveu em 1450 a.C., destacando-se pela sua valentia e liderança. Foi marido de *Oxum*, *Obá* e *Iansã*.

Castiga mentirosos, infratores e ladrões. Por isso a morte pelo raio é considerada infamante, assim como uma casa atingida por uma descarga elétrica é tida como marcada pela ira de *Xangô*.

O *xerê* é um chocalho feito de porongo alongado, que quando agitado lembra o barulho da chuva, é um dos símbolos de *Xangô*. Outro símbolo bem conhecido é o *oxé*, um machado de duas lâminas que deixava *Xangô* muito poderoso.

Garboso, ele é conhecido também como o “dono das mulheres”. Ele é filho de *Oraniam* e tem *Tobôssi* como mãe. *Tobôssi* era a filha de *Elempê*, rei dos Tapás, aquele que havia firmado uma aliança com *Oraniam*. *Xangô* cresceu no país de sua mãe, indo instalar-se, mais tarde, em Kossô, onde os habitantes não o aceitaram por causa de seu caráter violento e imperioso; mas ele conseguiu, finalmente, impor-se pela força. Em seguida, acompanhado pelo seu povo, dirigiu-se para Oió, onde estabeleceu um bairro que recebeu o nome de Kossô. Conservou, assim, seu título de *Obá Kossô* (rei de Kossô).

Dadá Ajaká, irmão mais velho de *Xangô*, reinava em Oió. Descontente com a forma que seu irmão conduzia a administração da cidade, *Xangô* destronou-o, exilando-o em Igboho. Assim começou a história de um poderoso rei que anexou todo o oeste da Nigéria ao Império Iorubá.

1.3. OS ANCESTRAIS

A maioria das religiões antigas venera, além das divindades, os ancestrais ou os espíritos dos ancestrais. Eles agradecem seus antepassados por terem inventado a pá, a foice ou enxada, sem os quais não conseguiriam executar a tarefa da agricultura ou outras atividades.

Ainda na Era Paleolítica Superior (30 a 10.000 a.C.) o *homo sapiens* tinha um ótimo relacionamento com seus avós, dos quais herdaram técnicas das mais variadas, além de que seus enterros eram bem mais elaborados com evidências de cerimoniais, etc.

Entre os iorubás a cultura aos ancestrais tem um destaque diferenciado, comparando com outras culturas. Na maioria das religiões antigas, onde o ancestral tem uma posição sempre presente no consciente coletivo da família ao qual pertence, sendo venerado e lembrado a todo o instante, na religião iorubá o ancestral se materializa diante do devoto que pode render suas homenagens diretamente a ele, inclusive tendo uma conversa pessoal, onde o ancestral expressa sua vontade e abençoa a família.

Como vimos anteriormente, os *irunmalés* são divididos em dois grupos: os quatrocentos *irunmalés* da direita (*orixás funfun*) e os duzentos *irunmalés* da esquerda (*eborás*). Entre os *eborás* estão, também, os *eguns*, os ancestrais.

“Enquanto os *Irúnmalè*-entidades-divinas, os *òrìsà*, estão associados à origem da criação e sua própria formação e seu *àsè* foram emanações diretas de *Olòrun*, os *Irúnmalè*-ancestres, os *ègún*, estão associados à história dos seres humanos”¹¹.

Embora se tem colocado os orixás¹² como ancestrais divinizados, os iorubás não os percebem assim. Para eles existe uma grande diferença entre os orixás, entidades divinas, e os *eguns*, espíritos de seres humanos falecidos.

Juana dos Santos (1986: 103) explica essa diferença:

Se os pais e antepassados são os genitores humanos, os *òrìsà* são os genitores divinos; um indivíduo será “descendente” de um *òrìsà* que considerará seu “pai” – *Baba mi* – ou sua “mãe” – *Iyá mi* – de cuja matéria simbólica – água, terra, árvore, fogo, etc. – ele será um pedaço. Assim como nossos pais são nossos criadores e ancestrais concretos e reais, os *òrìsà* são nossos criadores simbólicos e espirituais, nossos ancestrais divinos. Assim cada família considerará um determinado *òrìsà* como o patriarca simbólico e divino de sua linhagem, sem o confundir com seu ou seus *ègún*, patriarcas e genitores humanos, cultuados em assentos, em datas e em formas bem diferenciadas. O culto dos *òrìsà* atravessa as barreiras dos clãs e das dinastias. O *òrìsà* representa um valor e uma força universal; o *ègún* um valor restrito a um grupo familiar ou a uma linhagem.

Entre os *eguns*, assim como os orixás, existe uma divisão: há os *eguns* da direita, masculinos; e os *eguns* da esquerda, femininos.

Os *eguns* masculinos são cultuados na sociedade *Egungun*, onde têm seus assentamentos coletivos, ou seja, que os representa a todos, e os assentamentos particulares, que representam pessoas falecidas. Quando da materialização desses espíritos, recebem roupagens e nomes diferentes que os particularizam. O sacerdote chefe dessa sociedade é o *Babaojé* ou *Alapini*, que regula as ações dos *eguns* materializados mediante o uso do *atori*, uma vara fina e longa que bate constantemente nos *eguns*.

Na sociedade *Geledé* ou *Elecô*, são cultuados os ancestrais femininos, as poderosas *Iá mi Oxorongá*. A organização dessa sociedade é desconhecida, no entanto se sabe que os assentamentos das *Iá mi Oxorongá* são sempre coletivos, e quando da sua manifestação representam a coletividade.

Fazendo uma análise superficial do tema, parece que mais uma vez nos deparamos com a mudança da sociedade que antes era matriarcal, para a patriarcal. Pois, segundo as lendas sagradas iorubás, eram as *Iá mi Oxorongá* quem mandavam nos homens assustando-os com

¹¹ SANTOS, 1986: 102.

¹² A partir daqui utilizarei o termo “orixá” como genérico para todos os deuses iorubás, quando me referir a “*orixá funfun*”, aí são os “quatrocentos *irunmalés* da direita”.

egum, que era seu escravo. Foi *Orunmilá* quem as enganou e destituiu-as desse poder, tornando-se, assim, o grande dono dos *eguns*.

1.4. RITOS E LITURGIAS

As liturgias iorubás são até simples se comparadas à sua cosmologia. Segundo Verger¹³, a semana iorubá tem quatro dias sendo que um deles é chamado *ossé*. Ele traduz *ossé* como domingo – outros autores afirmam que o termo designa a semana em si – definindo-O como o dia consagrado ao orixá.

Há os pequenos domingos (*ossé kekerê*) onde são renovadas as oferendas incruentas, das quais falarei mais adiante, e os grandes domingos (*ossé nlá*). Neste último são realizadas procissões onde o assentamento do orixá é lavado com água da nascente de um rio; e sacrifícios de animais acompanhados de grandes festas coletivas, muitas vezes patrocinados pelo rei (obá) do local ou dono de mercado (balé), onde os orixás podem se manifestar em seus neófitos, dançar entre seus descendentes e abençoar todas as pessoas que estiverem presentes.

Existem vários tipos de oferendas destinadas aos deuses e aos antepassados. Os iorubás eram agricultores ou pastores, por isso as oferendas se constituírem da mesma forma.

Quando os iorubás faziam a colheita, o primeiro prato era para a divindade da família ou da cidade ou comunidade. Da mesma forma quando pretendiam fazer, por exemplo, uma comida a base de galinhas. Antes de comer o animal, devia-se sacrificá-lo aos orixás, para, daí sim, poder consumir sua carne.

Para os iorubás todo ser vivo foi criado por *Orixanlá*, portanto sua vida devia ser respeitada. Para poder se alimentar, o iorubá deve primeiro devolver aos orixás o axé, a energia vital divina, assim ao consumir a carne do animal, seja uma galinha ou um carneiro, ele estaria em comunhão com o próprio deus.

Da mesma forma ocorre com os vegetais. A terra, da qual se planta e se colhe; da qual se extrai o alimento, é sagrada, pois foi *Oduduá* quem criou. Os homens podiam usá-la, mas nunca possuí-la.

As grandes festas públicas são patrocinadas pelos reis, como devolução dos tributos pagos pelo povo. Nas festividades, são homenageados o orixá ou os orixás patronos da cidade. Nesta ocasião, vem autoridades de cidades vizinhas congratular o rei e seu povo.

¹³ Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo. 1997, p. 88

Os sacerdotes fazem dos sacrifícios um grande banquete público, acompanhado de muitos pratos “verdes” (legumes, verduras e frutas), onde o povo se farta em agradecimento às bênçãos dos deuses e de seu descendente vivo, o rei.

Os próprios orixás se apresentam na festa: primeiro *Exu* se manifesta em *oluponã*, seu sacerdote; depois vem os outros orixás, *Ogum*, *Xangô*, *Oiá* e, por fim, *Orixanlá*. Todos se curvam para receber as benesses dos deuses que vieram do *orum* especialmente para o festejo.

Existem dois grupos bem definidos durante os festejos. Os sacerdotes, *alaxé*, são saudados *kabiesi*, a mesma saudação aos reis, o que nos mostra a importância desse cargo. Depois temos os *iaorixá*, as mulheres do orixá. Apesar desse nome, os *iaorixás* ou *iaôs*, podem ser tanto homens como mulheres. Isto porque o neófito está sujeito ao orixá do qual é consagrado, não tendo nenhuma outra conotação.

Os *iaôs* são em grande número e foram todos iniciados por um *alaxé*. Em alguns casos, o orixá pode se manifestar em vários *iaôs* ao mesmo tempo, como em Ondô¹⁴; em outros lugares (Oió por exemplo), apesar de todos serem suscetíveis a manifestação do orixá, ele possuirá apenas um. Os *iaôs* também são chamados *adoxu* ou *elegun*, o que é cavalgado pelo orixá.

Vimos até aqui a importância que os deuses iorubás tem na sua vida cotidiana. Clyde W. Ford, um terapeuta norte-americano e diretor fundador do IAM – *Institute of African Mythology*, em Washington, empenhou-se em analisar a simbologia da mitologia africana, para alicerçar suas idéias de resistência afro-descendente contra o sistema racista dos Estados Unidos.

Diz ele (1999, p. 31): “...essas aventuras de heróis são mais do que o enredo da história; elas falam, por metáforas, da aventura humana pela vida. Os desafios do herói são nossos...Assim, muitos traços que o herói demonstra para responder os desafios da jornada simbolizam aqueles recursos pessoais a que todos nós devemos recorrer para enfrentar os desafios da vida.”

CAPÍTULO 2 - OS REINOS: Política, Economia, Sociedade

2.1. O ESPAÇO GEOGRÁFICO

¹⁴ VERGER, 1997 : 45

Existe um profundo vínculo entre o cenário geográfico africano e os eventos históricos que nele se desenrolaram. A região estudada é a denominada Golfo da Guiné, parte sul da África Ocidental, que reúne os atuais Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria e Camarões.

A região dominada pelos iorubás vai do oeste do rio Níger (sudoeste da Nigéria) até o sul e região central do Benin. Essa região tem uma geografia bastante singular, com as encostas banhadas pelo Oceano Atlântico.

Na parte nigeriana observamos três regiões: um cinturão costeiro, de manguezais e áreas pantanosas; para além das terras baixas da costa, surge o vale do rio Níger; a região seguinte é a savana, que alcança a área semidesértica do Sahel¹⁵, no extremo norte.

A costa de Benin é uma barra arenosa e regular, batida por fortes ondas e sem portos naturais. Atrás da barra, há uma série de lagoas de pouca profundidade nas quais deságuam os rios. Em direção ao norte, estende-se uma região de terras baixas bastante férteis.

Ao longo da costa o clima é equatorial, com fortes precipitações. Até o norte, a massa de ar continental tropical leva ventos secos e carregados de poeira; a temperatura e as precipitações, que são muito menores que no sul, variam com a estação. O sul está coberto pelos restos de uma densa selva tropical.

Na montanha e na savana predomina uma pradaria de árvores resistentes como o baobá e o tamarindo; no noroeste do Sahel prevalece uma vegetação semidesértica. Nas regiões pantanosas e de selva podem se encontrar crocodilos e serpentes. Os grandes mamíferos africanos desapareceram. Restam alguns antílopes, camelos e hienas.

2.2. ECONOMIA

Os espaços disponíveis do continente africano deixaram sua marca na vida econômica de muitos povos que não se preocuparam com os cuidados indispensáveis a manutenção da fertilidade da terra.

“Desta pouca valorização do solo defluiu uma importante consequência de ordem econômica, social e política: o maior valor atribuído ao trabalho humano, à mão-de-obra. Possuir homens que trabalham é mais importante que possuir terras”.¹⁶

Como vimos no capítulo anterior, os iorubás não tinham a noção de propriedade do solo por que ele era obra dos deuses, portanto não pertencia a ninguém e seu uso era coletivo.

¹⁵ Sahel: vegetação de planície relativamente dispersa, composta por ervas e arbustos.

¹⁶ GIORDANI, 1985: 36.

Entretanto, a escravidão nunca foi um modo de produção na África pré-colonial. O escravo era entendido como mais uma pessoa para trabalhar a terra. De fato, o escravo trabalhava lado a lado com seu senhor, que não se percebia como seu dono.

Aos poucos os povos que vivem na região dos iorubás, foram abandonando a caça e a coleta, para se dedicarem ao pastoreio e ao cultivo, principalmente, de tubérculos. Todos sabemos que o trabalho com a terra é árduo, sacrificante, e muitas vezes improdutivo, quando de manifestações violentas da natureza. Por isso os chefes de família possuíam muitas mulheres, para, assim, terem muitos filhos para trabalhar a terra. Às vezes os filhos não eram suficientes, então se faziam guerras para trazer um espólio de escravos para aumentar a produção.

Mas sempre frisamos que, nessa época, não houve um modo de produção escravista, mas sim uma relação escravista de produção, muito semelhante à escravidão patriarcal dos gregos.

A agricultura era a base econômica das comunidades, quase toda de tubérculos tais como: inhame, taro¹⁷ e mais tarde a mandioca; também cultivavam o sorgo¹⁸, vários tipos de arroz, bananas e feijão; a exploração da noz de cola, do amendoim e do dendezeiro era para a fabricação de óleos (que mais tarde lubrificariam os maquinários britânicos), assim como a palmeira.

O surgimento da agricultura, todavia, não extinguiu outras formas de subsistência. O caçador ocupa um lugar de prestígio na sociedade e, freqüentemente, os reis se defendem como descendentes de grandes caçadores.

A pesca, obviamente, também fazia parte do cotidiano iorubá. Existem muitos rios e lagos na região, além do mar que proporcionava grandes quantidades de pescado.

A coleta também resistiu, contudo, se referia não só a vegetais, mas também a de origem animal. “Lagartas, formigas, gafanhotos e tartarugas, bem como mel, nenhum deles desprezado na luta diária pela subsistência”. (PARKINGTON in GIORDANI, 1985: 140)

Todos esses artigos tinham relações com as divindades, de forma que a produção era autoregulada para não desagradar os deuses.

Os produtos eram oferecidos em um mercado cuja importância é grande entre os iorubás, tendo o seu dono um título comparável ao de um soberano. Verger (1997: 141) nos dá a seguinte explicação:

¹⁷ Espécie de inhame branco.

¹⁸ Espécie de milho pequeno, milhete.

O mercado, na região iorubá, tem a mesma função do Agora dos gregos ou o Fórum dos romanos: um lugar de reunião, onde todos os acontecimentos da vida pública e privada são mostrados e comentados. Não há nascimento, casamento, enterro, festa organizada por grupos restritos ou numerosos, iniciação ou cerimônia para os orixás, que não passem pelo mercado.

A relação mercadológica não é de compra e venda, mas sim de troca, permuta.

2.3. POLÍTICA

Desde o ano 1000 já se contam diversos reinos iorubás. Cada um centrava-se numa cidade-capital onde famílias de agricultores, sacerdotes, comerciantes e artífices viviam sob a soberania de reis locais, que acreditavam ser descendentes de *Oduduá*.

Os iorubás possuíam uma organização política semelhante às cidades-estado gregas, como assinala Mário Maesti (1988: 54). É importante entendermos que nunca houve uma unidade política bem definida, e a designação de Império Iorubá é equívoca. Os iorubás constituíam, verdadeiramente, uma unidade cultural e tinham ligações religiosas, persistentes ainda hoje. Basil Davidson (1981: 126) afirma que:

A cidade de Ifé tornou-se o modelo segundo o qual foram concebidas todas as outras cidades iorubás. Cada uma destas cidades era dividida em bairros governados por um chefe seccional. Cada uma das cidades possuía os seus nichos sagrados, o seu palácio real, as suas praças de mercado, os seus lugares de reunião, onde o governo da cidade podia tratar dos seus assuntos e o povo discutir as novidades do dia. Cada uma delas tornou-se famosa pelos seus artífices, que trabalhavam em diversos ofícios. Uns especializavam-se na tecelagem e tintura do algodão, outros na metalurgia ou no comércio longínquo. Desta maneira os muitos reinos dos iorubás estavam unidos por uma rede de crenças e interesses comuns.

As cidades-estado eram governadas pelos reis que organizavam, principalmente, as relações entre as pessoas. Para isso, ele possuía uma série de dignatários que formavam sua corte, que, segundo Mônica Buonfiglio (1995:113), é a seguinte:

- *Obá* → o rei.
- *Apero Obá* → grupo de sete que acordam o rei; conselheiros.
- *Iwarata* → poderosos conselheiros; não ultrapassam o número de sete.
- *Onifá* → o que joga para prevenir.
- *Ameeku* → líder dos onifás.

- *Babalawo* → o feiticeiro.
- *Olori awo* → o líder dos feiticeiros.
- *Awon Ogboni* → os homens de maior conhecimento; fazem parte de uma sociedade secreta.
- *Awon Obinrin* → a seita das mulheres.
- *Iyalode* → título consagrado à representante das mulheres no palácio.
- *Awon eso* → soldados.
- *Dori Iya* → homens incumbidos de cuidar do bem-estar das princesas.
- *Awon Eya* → eunuco.

Os reis e os sacerdotes vivem dos tributos cobrados ao povo. Esses tributos são moderados, pois não havia um poder coercitivo forte. As pessoas acreditavam que o rei era o descendente vivo da divindade patrona da cidade, daí os tributos serem pagos de maneira espontânea.

Essa crença é embasada no mito sobre a origem dos iorubás¹⁹. Entretanto, por trás desse mito, existe uma história que, possivelmente, seja verdadeira.

Segundo Verger (1997: 253):

Obatalá teria sido o rei dos igbôs, uma população instalada perto do lugar que se tornou mais tarde a cidade de Ifé. (...) Durante seu reinado, ele foi vencido por *Oduduá*, que encabeçava um exército, fazendo-se acompanhar de dezesseis personagens, cujos nomes variam segundo os autores. Estes são conhecidos pelo nome de *awòn agbàgbà*, “os antigos”.

Oduduá, após ter se instalado como rei de Ifé, mandou seus filhos conquistarem outras regiões, criando vários reinos ligados a Ifé. Assim, *Oraniam* conquistou Oió; *Ogum*, Irê; *Exu*, Queto; e assim por diante.

Após a sua morte, a figura de *Oduduá* se confundiu com a de *Orixanlá* e acabou sendo cultuado como um orixá, assim como seus filhos, reis em outros locais, deixando seus filhos como reis que se sucedem, geração após geração, até hoje.

A religião iorubá era uma espécie de política prática. Da mesma forma que outorga o poder aos reis, também regula a sua administração. O rei que for entendido como **mau**, ou seja, que permitiu que sentimentos mundanos influíssem no seu governo deixando o bem estar

¹⁹ Descrito no capítulo anterior, às páginas 14 e 15.

de seus súditos em segundo plano, será, de acordo com as normas estabelecidas pelos ancestrais, destituído de seu cargo pelo próprio povo.

Ifé, ao sul de Oió, é a cidade sagrada, sede do *Oni*, rei do local e chefe religioso dos iorubás. A soberania política pertencia ao *Alafin* que residia em Oió, mas seu poder podia ser extinto pelo *ogboni*, espécie de senado de notáveis.

No final do século XVII, Oió havia agregado ao seu reino, grande parte da região oeste do rio Níger, o norte da floresta e os bosques esparsos do Daomé. Esse reino, convencionalmente chamado de Império de Oió, durou mais de cem anos.

2.4. SOCIEDADE

Pierre Bertoux, professor universitário que chegou a ser senador no Sudão francês (hoje república do Mali), diz que “o povo dos iorubás é o único povo negro que tendeu espontaneamente para aglomerar-se em grandes cidades, o único cuja realização política teve uma base urbana”.²⁰

Embora os iorubás fossem predominantemente agricultores, eles não moravam na roça. Moravam nas cidades e iam, todos os dias, trabalhar nas lavouras que ficavam a alguns quilômetros da cidade. À noite voltavam para seus lares.

Suas vidas eram ditadas pela religião. Não havia ambições políticas ou mesmo comerciais. Verger (1997: 126) diz que “no momento do nascimento de uma criança, os pais pedem ao *babalaô* para indicar a que *odu*²¹ a criança está ligada. O *odu* dá a conhecer a identidade profunda de cada pessoa, serve-lhe de guia na vida, revela-lhe o orixá particular, ao qual ela deve eventualmente ser dedicada, além do da família, e dá-lhe outras indicações que a ajudarão a comportar-se com segurança e sucesso na vida”.

O *babalaô* afirmava o que a criança se tornaria. Um artífice, mercador, sacerdote ou agricultor. De certa forma o *babalaô*, mais importante do que adivinhar o destino dos homens, organizava a sociedade de forma a manter a coesão social e política das comunidades. Daí o cargo de *babalaô* ser tão importante quanto o do próprio rei.

Um fato importante para o desenvolvimento da civilização iorubá é a metalurgia do ferro (500 a.C.). Giordani (1985: 147) nos lembra que “o conhecimento da metalurgia revolucionou profundamente o modo de vida dos povos da savana e da floresta: aumentou

²⁰ BERTOUX in GIORDANI, 1985: 114

²¹ Signos de *Ifá*, o deus do oráculo. São histórias e lendas classificadas nos 256 *odus*, cujo conjunto forma uma espécie de enciclopédia oral dos conhecimentos tradicionais do povo iorubá.

consideravelmente a eficácia das armas de caça e de combate e facilitou extraordinariamente o desbravamento das florestas”.

Os artífices iorubás produziam peças e esculturas em marfim, barro, ouro, cobre, bronze e madeira de temática constantemente humana. Claro que os motivos divinos também se mostraram freqüentes, mas não dominavam as intenções dos escultores. Também produziam adornos como argolas, pulseiras e colares.

Entre as grandes artes da África, destacam-se o teatro, a música e a dança. Fabricavam vários instrumentos tais como: flautas, violas, xilofones, cornetas e, é claro, tambores. Talvez os tambores fossem os instrumentos mais utilizados pelo povo iorubá.

A música não era utilizada apenas nos cerimoniais religiosos, mas também por divertimento, nas representações teatrais, nas danças, nas cerimônias políticas, e até como transmissor de mensagens. Davidson (1981: 171) afirma:

Todas as comunidades, por mais pequenas que fossem, tinham os seus tamboreiros. Ao pôr do Sol nos trópicos, por volta das 6 horas, eles sentavam-se no “largo” da aldeia, ou talvez numa clareira da floresta, e transmitiam as suas saudações, avisos ou outras mensagens para a aldeia seguinte.

No que tange aos cultos, cada orixá tem um tambor de forma diferente. Essas diferenças também são observadas entre as diferentes cidades ou regiões. Por exemplo: na cidade de Oió, existem os *olubatá* que tocam o tambor *batá*, em forma de ampulheta, que é utilizado nas cerimônias para Xangô, um dos reis-deus da cidade. Em Oxogbô, cidade às margens do rio Oxum, região dos ijexás, é utilizado o *ilu*, tambor cilíndrico com dois couros, um de cada lado, atado por cordas.

Os povos da África ocidental, no geral, eram muito hospitaleiros, alegres e festeiros. Aspectos que, com certeza, trouxeram consigo da África para as Américas e principalmente para o Brasil, onde criaram raízes formando a característica alegria do povo brasileiro.

CAPÍTULO 3 - A DIÁSPORA: América, Brasil, Rio Grande do Sul

3.1. MOTIVOS QUE TROUXERAM OS AFRICANOS PARA AS AMÉRICAS

No início da exploração econômica das terras descobertas no continente americano, os colonos buscavam na mão-de-obra escrava a melhor forma para rentabilizar a produção agrícola da região. Em 1517, um nobre espanhol obteve licença para importar negros

africanos para trabalhos na ilha de São Domingos. Começou aí a importação de milhares de negros para todo o continente americano. O enorme desenvolvimento que a escravidão tomou em todo o continente, está ligado ao surto da economia açucareira, que exigia abundante mão-de-obra nas plantações.

Mas porque os negros? Ora, os negros eram mestres nas técnicas de agricultura, no extrativismo e na mineralogia. Esses fatores foram predominantes para se utilizar a mão-de-obra negra nas colônias. Mas é obvio que eles não viriam por espontânea vontade, então o melhor é trazê-los a força mesmo. Mas para isso é preciso uma justificativa maior que a econômica para não se ter problemas com a Igreja. Mas afinal os negros são humanos? Eles têm alma? A própria Igreja Católica Romana daria o veredito...

Então a Igreja alegou que os africanos eram descendentes de Cam.

Cam é o terceiro filho de Noé que, ao sair da arca, plantou uma vinha. Dessa vinha ele fabricou vinho e, tendo-se embriagado, apareceu nu no meio de sua tenda. Cam viu a nudez de seu pai e correu para contar aos seus irmãos. Sem e Jafé, andando de costas, cobriram Noé com uma capa.

Ao acordar, Noé fica furioso com seu filho mais novo e o amaldiçoa: “Bendito seja o senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo. Dilate Deus a Jafé, e habite Jafé nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo”. (Gênesis, Cap. 9, v. 26 e 27)

Ora, os europeus acreditavam que o mundo era dividido em três continentes, sendo que eles eram descendentes de Jafé. De Sem, descendiam os asiáticos. Então nada mais natural que escravizar os filhos de Cam, os africanos. Além disso, por a África ser um continente desconhecido, as concepções do imaginário popular europeu ao seu respeito são das mais escabrosas. Mary Del Priore e Renato Venâncio (2004: 56) assinalam isso em seu livro *Ancestrais*:

“A cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia, no inconsciente europeu, ao inferno e às criaturas das sombras. O Diabo, nos tratados de demonologia, nos contos moralistas e nas visões de feiticeiras perseguidas pela inquisição, era, coincidentemente, quase sempre negro. Etiópia, palavra grega que designava, em vários textos e mapas, a parte do continente conhecida até então, significava “face queimada”. Era, pois, a tez particular que caracterizava os habitantes deste mundo estranho e desconhecido.”

Eles também nos mostram que antigos dicionários europeus denotavam preconceitos em relação aos negros. Em um publicado em 1712, por Bluteau, verificamos a palavra *negro* como “...infausto, desgraçado. De cor negra que é a mais escura de todas, tomamos motivos

para chamarmos de negro toda a coisa que nos enfada, molesta e entristece, como quando dizemos negra ventura, negra vida, etc.” (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2004, p.67).

Para os europeus o *modus vivendi* do negro era algo animalesco. Viver nu, falando uma língua incompreensível, rituais religiosos cruentos, danças eróticas, ausência de moral (cristã), os europeus tinham certeza de que estavam diante da própria encarnação do pecado. Trazê-los para o modo de vida europeu era sua missão sagrada. E só havia uma forma! Escravizá-los é dar-lhes um presente, pois isso seria capaz de introduzi-los em sua cultura superior e, é claro, à salvação de suas almas.

3.2. A RELIGIÃO IORUBÁ NAS AMÉRICAS

Chegando às Américas, os negros estavam desorientados, não falavam a língua dos colonizadores e muitas vezes nem mesmo entre eles conseguiam se comunicar, pois freqüentemente eram separados de suas etnias originais para se evitar revoltas.

Entretanto havia três fatores que serviram para uma unificação: a cor da pele, a situação em que estavam, e a religiosidade. O negro, quando saiu da África, trouxe em sua memória suas crenças, sua cultura, sua espiritualidade.

Essa espiritualidade se manifestou de várias formas na América do Norte e nas Antilhas.

3.2.1. Estados Unidos da América

A manifestação da espiritualidade negra nos Estados Unidos se mostrou de forma bem diferenciada do resto do continente. Lá, as igrejas evangélicas arrebanharam grande parte da população negra que deram um outro sentido à pregação e aos cultos cristãos. De fato existe uma grande diferença entre as igrejas pentecostais de origem negra, das freqüentadas por brancos.

Nas igrejas negras, os cultos dão ênfase aos cânticos e louvores cantados de forma nitidamente africana e que, certamente, deram origem às manifestações musicais norte-americanas tradicionais como o jazz, o blues e seus derivados tais como: rock'n roll, rap, ritm & blues, hip hop e outros.

As religiões africanas quase não tiveram espaço neste país, devido ao preconceito e ao medo de se praticar uma religião “ligada” ao diabo (concepção cristã). Somente agora é que, em Miami, religiosos africanistas saíram das sombras para aparecerem na mídia.

3.2.2. Haiti

O **Vodu** é um culto religioso popular de caráter sincrético. Incorpora aspectos do ritual católico-romano, datados da colonização francesa, assim como elementos religiosos e mágicos africanos trazidos pelos escravos das etnias iorubá, fon e outras. O termo deriva de *vodun*, "deus" ou "espírito" na língua dos fons. O culto tornou-se uma espécie de religião oficial da comunidade camponesa do Haiti.

Embora os praticantes do Vodu acreditem num deus supremo, as divindades efetivas são em grande número de espíritos denominados *loa*, que podem ser aparentados a santos católicos, ancestrais divinizados ou deuses africanos. Muitos adeptos urbanos acreditam que os *loas* podem ser benévolos, os *loas Rada*, os quais se ligam aos indivíduos ou famílias como anjos da guarda, guias e protetores, ou mesmo malévolos, os *loas Petro*. Essas divindades comunicam-se com os fiéis por meio de sonhos ou através da possessão durante cerimônias rituais.

Cada grupo de praticantes tem seu local para realizar as cerimônias, que envolvem cantos, toque de tambores, danças, preces, preparo de alimentos e o sacrifício ritual de animais. O santuário ou *houmfo* é presidido por um *hougan*, sacerdote masculino, ou *mambo*, sacerdotisa, que age como conselheiro, curandeiro e protetor.

Com o tempo, o Vodu perdeu seus traços ancestrais e adotou caráter nacional, com a criação de formas típicas haitianas. Durante décadas a Igreja Católica condenou o Vodu no Haiti, mas como essa crença se tornou a religião principal da maioria da população, no final do século XX os católicos resignaram-se à convivência com o culto.

O Vodu do Haiti transcendeu os círculos em que se desenvolve, uma vez que é explorado como recurso turístico naquele país antilhano.

3.2.3. Cuba

Marcada por forte sincretismo com a doutrina cristã, a **Santería** é uma religião afro-cubana cuja crença nasceu com a chegada dos escravos iorubás africanos que aportaram no país principalmente na primeira metade do século XIX.

Para garantir a sobrevivência de seu culto durante a escravidão, os iorubás adaptaram-no à religião de seus senhores, passando a associar as divindades africanas com os santos do Cristianismo. Daí o próprio nome, Santería, denominação pejorativa dada pelas elites escravocratas à crença dos escravos.

Apesar das condições desfavoráveis, ao longo dos anos o culto se tornou tão popular na ilha de Fidel Castro que passou a fazer parte da própria identidade cultural do país. Praticada também em outras ilhas do Caribe, na Venezuela e em algumas cidades norte-americanas,

como Miami e Nova York, a doutrina gira em torno do culto aos orixás e aos espíritos dos antepassados, considerados guardiões dos devotos.

Os espíritos falam com os fiéis por intermédio dos *santeros*, como são chamados os sacerdotes, que incorporam as divindades em rituais de possessão.

A *Regla del Ocha*, como a crença também é conhecida, muitas vezes é relacionada às práticas de magia negra. Entretanto, os estudiosos afirmam que tal associação é preconceituosa, pois a visão de Bem e Mal na Santería é diferente daquela das doutrinas cristãs. A Santería busca o que é bom para um indivíduo, não algo considerado como o “Bem absoluto”. Nesse sentido, a conotação negativa que ainda persiste teria raízes na tentativa dos senhores cristãos de desqualificar a religião dos escravos africanos.

3.2. A RELIGIÃO IORUBÁ NO BRASIL

Africanismo ou religião afro-brasileira é o termo utilizado como designativo das culturas religiosas africanas no Brasil.

A religião iorubá, fora da África, não se manteve tão pura quanto a que se apresenta no país. Aqui existem denominações que variam de região para região.

Na Bahia temos o **Candomblé** que é uma manifestação religiosa originária da cidade de Queto, na Nigéria. Os terreiros mais antigos são:

→ *Ilê Iyanassô* da Casa Branca do Engenho Velho, tendo como primeiras *ialorixás* as seguintes sacerdotisas:

- *Iyanassô*, a fundadora;
- Marcelina da Silva, *Obatossi*;
- Maria Júlia Figueiredo, *Omoniké*;
- Maximiana Maria da Conceição, Tia Massi *Oinfunké*.

→ *Iyá Omí Axé Iyamasé*, terreiro dissidente do anterior, fundado no Alto do Gantois por Júlia Maria da Conceição Nazaré. Escolástica Maria da Conceição Nazaré, a Mãe Menininha do Gantois, era a quarta a ocupar o lugar de sacerdotisa nesse terreiro.

→ Centro Cruz Santa do *Axé Opô Afonjá* é derivado do primeiro e foi instalado em São Gonçalo do Retiro, no ano de 1910. Talvez seja o terreiro mais importante da Bahia atualmente, e teve como sacerdotisas as seguintes ialorixás:

- Eugênia Ana dos Santos, Aninha *Obabii*, a fundadora;
- Maria da Purificação Lopes, Tia *Badá Olufandéí*;
- Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora *Oxum Miuá*;
- Maria Estella de Azevedo; *Odekaiodê*, a atual.

A grande diferença do Candomblé baiano para as outras manifestações religiosas africanas no Brasil é que as mães-de-santo, sacerdotisas responsáveis pelo terreiro, iam freqüentemente a África para reaprenderem os fundamentos religiosos que, posteriormente, punham em prática em Salvador. Traziam não só os fundamentos mas também a organização política e hierárquica tornando os terreiros baianos verdadeiras ilhas de África no Brasil.

Além do Candomblé, também temos outras manifestações religiosas africanas no resto do país. Dentre elas há o **Tambor-de-Mina**, manifestação religiosa originária dos jejes, praticada no Maranhão. O terreiro mais conhecido é a *Casa Fanti-Ashanti*, de Pai Euclides de *Lissa*.

O **Xangô** recifense é muito semelhante à religião praticada no Rio Grande do Sul.

Macumba é o nome de um tambor originário dos bantus, e que identifica a religião dessa origem no estado do Rio de Janeiro.

E, finalmente, no Rio Grande do Sul, temos o **Batuque**.

3.3. A RELIGIÃO IORUBÁ NO RIO GRANDE DO SUL

Batuque foi o apelido dado pelos brancos à religião africana praticada em nosso estado devido ao barulho provocado pelos tambores. Os praticantes também chamam de **Nação** como forma mais respeitosa, pois, geralmente, o termo Batuque é utilizado pejorativamente, com intenções ofensivas.

3.3.1. Origens

Foi trazido pelos escravos negros oriundos do nordeste, que vieram trabalhar nas charqueadas em Rio Grande. De Rio Grande a religião foi para Pelotas e Santa Maria, antes de chegar a Porto Alegre, no final do séc. XIX. Aqui, o Batuque se propagou em diversas denominações chamadas “lados” ou “nações”, que são: *Cabinda*, *Oió*, *Jeje*, *Nagô* e *Ijexá*. E também pela mescla de dois lados: *Jeje-Nagô*, *Jeje-Ijexá*, *Oyó-Jeje*, etc.

Diferentemente do que ocorreu na Bahia, os negros trazidos para o estado eram, na sua maioria, de bantus, pois os brancos os classificavam como uma etnia ótima para o trabalho pesado – como o das charqueadas – e os iorubás excelentes no trabalho minucioso, por isso serem mais cogitados para o serviço doméstico.

Ao que tudo indica, os bantus aceitaram a forma religiosa dos iorubás, praticando e seguindo seus preceitos e fundamentos. Daí a nomenclatura dos “lados” serem termos conhecidos dos iorubás: *Oió* é a cidade nigeriana e, diz-se, origem deste “lado” praticado por aqui; *Jeje* é a designação iorubá para os povos estrangeiros como os fons do Daomé; *Nagô* é, segundo Verger, uma etnia da região de Queto, já outros autores designam todos os sudaneses vindos para o Brasil; *Ijexá* é uma região da Nigéria. O termo *Cabinda* é de origem bantu e, embora pratique uma religião que mais parece uma mescla de elementos da cultura Jeje com a Ijexá, é bem diferente dos outros “lados”. Creio que negros originários dessa região de Angola formaram um tipo de irmandade ou sociedade, adotando os aspectos religiosos dos iorubás. Mas como não há fontes que confirmem isto, todo o tipo de explicação que se tente dar não passa de meras especulações.

Justamente por serem os bantus a grande maioria dos escravos gaúchos, após a abolição não havia motivos para que voltassem à África como fizeram os baianos. No Rio Grande do Sul, além de haver problemas econômicos, pois os escravos foram largados sem “eira nem beira”, caso conseguissem voltar para a África, voltariam para Angola, Congo ou Moçambique e não para as terras iorubás.

3.3.2. Os terreiros

Devido à forma como se perpetuou a religião no estado, principalmente em Porto Alegre, não existem terreiros tão antigos quanto os da Bahia. Desta forma só se pode conhecer o sistema de filiação religiosa dos sacerdotes gaúchos, a fim de se entender a perpetuação dessa mesma religião.

Em Porto Alegre, não existe uma hierarquia, com cargos bem definidos como nos terreiros baianos. O Babalorixá ou a Ialorixá, centralizam em si todo o poder religioso. Assim o sacerdote de um terreiro gaúcho, além de responsável pelo templo, também tem a função de sacrificador, de iniciador, de oraculista e, é claro, de conselheiro.

Um sacerdote inicia uma pessoa que, eventualmente, pode se tornar também um sacerdote e fundar seu próprio templo. Daí o grande número de casas de religião na capital e na região metropolitana. Quando do falecimento do sacerdote, via de regra, o terreiro é extinto – salvo raríssimas exceções.

Devido aos fatos já descritos, quase ninguém sabe suas reais origens religiosas, pois são poucos os que têm essa preocupação. Conservo essa parte da história da religião iorubá, da qual pude construir uma espécie de árvore genealógica religiosa, da qual transcrevo a seguir:

- *Cujobá*, ex-escravo introdutor da nação de Ijexá em Porto Alegre, fundou seu terreiro na rua Taquari, próximo à igreja São Francisco, capital;
- *Celetrina de Oxum Docô*, iniciada por Cujobá;
- *Hugo de Iemanjá*, iniciado por Celetrina;
- *Jovita de Xangô*, iniciada por Hugo;
- *Miguela de Bará Ajelu*, iniciada por Jovita nos anos 1940, fundou seu terreiro na rua Outeiro, bairro Partenon, na capital;
- *Gelson de Bará Lodê*, iniciado por Miguela nos anos 1960, fundou seu terreiro no município de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre;
- *Pedro de Oxum Docô*, iniciado por Gelson em 1983, fundou seu terreiro na rua Marista, bairro Partenon, na capital;
- *Hendrix de Oxalá Orumilaia*, iniciado por Pedro em 2000.

3.3.3. Aspectos litúrgicos

Diferente do que acontece na África, o termo orixá designa, no Brasil, todos os *irunmalés*, inclusive no Rio Grande do Sul. Na capital são cultuados treze orixás distintos: *Bará* (*Exu* na África), *Ogum*, *Iansã* (*Oiá*), *Xangô*, *Odé*, *Otim*, *Ossanha* (*Ossanim*), *Xapanã* (*Obaluaiê*), *Obá*, *Ibeji*, *Oxum*, *Iemanjá* e *Oxalá*.

As festas para as divindades acontecem, geralmente, uma vez ao ano, onde são servidos pratos dos mais variados tipos pertencentes à gastronomia iorubá, bantu e também o que era comido pelos escravos.

Esses banquetes são obrigatórios e abertos a todos que quiserem comer, de fato chega-se a distribuir bandejinhas aos participantes que estão indo embora, no final da festa, para que não sobre nada. Este ato se chama “mercado”, o que nos lembra o conceito iorubá de mercado e a forma de devolução dos tributos cobrados pelo rei, nos banquetes cerimoniais coletivos.

Um fator importante que assinalamos é que para prepararem seus pratos típicos no Brasil, foram necessárias adaptações ao novo meio ambiente, aproveitando os ingredientes que estavam disponíveis nas regiões em que estavam locados. Daí a diferença entre a culinária afro-brasileira de Salvador, por exemplo, e a de Porto Alegre.

Outro fator interessante são as vestimentas cerimoniais (*axó*). Enquanto os baianos buscaram suas raízes nas vestimentas africanas, a mulher gaúcha preferiu embelezar-se com vestimentas que lembram as sinhazinhas do século XIX, assim como o homem usava bombachas e camisa de estilo gaudério. Somente no final do século XX e início do XXI, mediante um processo denominado reafricanização, e que ainda está em andamento, é que houve uma reformulação do *axó*, com a intenção de se aproximar mais do tradicional *abadá* africano.

3.3.4. As diferenças sociais do batuqueiro

Interessante é a evolução das classes sociais dos praticantes do Batuque.

Inicialmente, o etos batuqueiro era constituído por negros pobres e analfabetos das regiões periféricas da capital. Aos poucos foram entrando brancos pobres e semi-analfabetos.

Na década de 1940, os centros de Batuque eram constituídos por negros pobres semi-analfabetos e brancos de classe média-baixa. É nesta época que chega ao estado a **Umbanda**, uma religião sincrética originária da sociedade de classe média-alta carioca. Os africanistas gaúchos adotam a Umbanda como uma segunda religião, praticada semanalmente, enquanto festejam os orixás anualmente.

Na década de 1970, já existem muitos sacerdotes brancos, com filhos-de-santo de classe média-alta. Nos anos 1990 temos uma grande migração dos negros pobres para as igrejas evangélicas, enquanto que os brancos ricos procuram os sacerdotes africanistas também brancos para resolverem seus problemas. O nível cultural dos praticantes caminha para uma homogeneidade de ensino médio com praticantes de nível superior.

Na virada do século, busca-se mais do que conhecimento empírico. É fundada em São Paulo a *Faculdade de Teologia Umbandista* (FTU) e está em tramitação no MEC (Ministério da Educação e Cultura) o processo que instituí o ESTAB – *Escola Superior de Teologia Afro-brasileira*, com sede no Paraná. A intenção é tornar os sacerdotes africanistas e umbandistas merecedores de crédito, tal qual os padres católicos.

Hoje, pode-se dizer que a porcentagem de praticantes negros está entre 25 e 35 por cento do total de integrantes da religião africana.

A religião africana no Rio Grande do Sul está sofrendo um processo evolutivo infundável. De religião considerada como primitivista, está amadurecendo para uma religião, digamos, primitiva com toques de modernidade.

É possível que, no futuro, a religião dos negros seja praticada por brancos de classe abastada, formados em teologia, antropologia ou história.

O professor e teólogo Jayro Pereira de Jesus afirma que quem pratica a religião dos orixás, também é afro-descendente. Mas e os negros que abandonaram sua religião original para pregarem a religião dos brancos, se tornarão brancos? Só o tempo dirá.

CONCLUSÃO

Quando iniciei no curso de História da FAPA, tinha uma visão êmica, empirista e amadora da religião praticada pela minha família a quatro gerações.

Êmico porque sou praticante da religião, com isto possuo idéias e valores internos, próprios à comunidade ao qual pertenço. Empírico porque todos os ensinamentos que obtive da religião foram passados oralmente, de geração após geração. Amador porque todas as pesquisas e estudos que fiz, as interpretações que tive e as conclusões a que cheguei, não tinham nenhum embasamento teórico científico, de modo que todos os meus entendimentos não passavam de superficialidades particulares de uma pessoa despreparada.

Quando iniciei este trabalho, não sabia nem o que era uma monografia, de modo que escrevi além do que deveria, e isto me trouxe problemas:

1º - A vida de trabalhador somada com a de acadêmico, me proporcionou um curto espaço de tempo para fazer a pesquisa, elaborar e digitar o trabalho. Infelizmente, não consegui expor tudo o que pretendia;

2º - A bibliografia é extensa e totalmente generalizada, isto é, os autores escreveram sobre os aspectos gerais dos povos da África sem se deter muito em um único povo, corroborando o que afirmo que esse vasto continente é tratado como se fosse um país em que todos são iguais.

Relativo à comprovação da hipótese, pode-se dizer que o trabalho foi muito bem sucedido. Estudando a religião iorubá, tendo por base os fatores políticos, econômicos, sociais, históricos e religiosos percebidos nesta civilização à época antiga, assim como a percepção da reminiscência destes mesmos aspectos na sociedade afro-americana como um todo, podemos concluir que, de fato, se os africanos não tivessem sido perturbados pelos europeus, estariam exatamente como estavam antes desse contato.

Esta monografia também foi bem sucedida no que tange ao alcance dos objetivos, estes passos foram importantes para o nosso entendimento das questões teológicas, filosóficas e históricas desta magnífica civilização e servirá de base para os próximos estudos que tenho em mente.

Ainda há muito que pesquisar e estudar.

O povo negro, escravizado por 400 anos, merece ter sua cultura e sua história resgatadas. Sobre este aspecto, as políticas atuais estão no caminho certo.

O negro, como parte integrante da cultura e da etnia formadora da sociedade brasileira, tem que ser valorizado, restituído e defendido por todos nós.

É o nosso dever de cidadão.

BIBLIOGRAFIA

???. *Homem, mito e magia – vol. 2* : São Paulo, Ed. Três, 1974

CAUVIN, Jacques. *Nascimento das divindades, nascimento da agricultura* : Lisboa, Instituto Piaget, 1997

CORRÊA, Norton F. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense* : Porto Alegre, Editora da Universidade – UFRGS, 1992

DAVIDSON, Basil. *À descoberta do passado de África* : Lisboa, Sá da Costa, 1981

_____. *Revelando a velha África* : Lisboa, Prelo, 1977

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. *Ancestrais: uma introdução à história da África atlântica* : Rio de Janeiro, Elsevier, 2004

FERREIRA, Paulo Tadeu Barbosa. *Os fundamentos religiosos da nação dos orixás* : Porto Alegre, Toquí, 1994

FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África* : São Paulo, Selo Negro, 1999

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África: anterior aos descobrimentos* : Petrópolis, Vozes, 1993

MAESTRI, Mário. *História da África negra pré-colonial* : Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988

PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João A. *Apresentação de trabalhos científicos: monografia, TCC, teses e dissertações* : São Paulo, Futura, 2000

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás* : São Paulo, Companhia das letras, 2001

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia* : Petrópolis, Vozes, 1986

SENE, Maria Joaquina M.; BRASIL, Eliete Mari D. *Manual para elaboração de trabalhos técnico-científicos* : Porto Alegre, Pallotti, 2003

SHAW, T. *Pré-história da África ocidental* [in: História geral da África I – metodologia e pré-história da África – cap. 24] : São Paulo, Ática, 1982

VERARDI, Jorge. *Axés dos orixás no Rio Grande do Sul* : Porto Alegre, Jan Deptº Editorial, 1990

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, deuses iorubas na África e Novo Mundo* : Salvador, Corrupio, 1997

WAI-ANDAH, B. *A África ocidental antes do séc. VII* [in: História geral da África II – a África antiga – cap. 24] : São Paulo, Ática, 1983